

## OBSERVAÇÕES SOBRE O MARCADOR DE NEGAÇÃO DO JAPONÊS NO PREDICADO MORFOLOGICAMENTE COMPLEXO

### NOTES ON THE JAPANESE NEGATIVE MARKER IN THE MORPHOLOGICALLY COMPLEX PREDICATE

Jorge Willian Pedroso<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

Ana Paula Scher<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

#### RESUMO

Este artigo trata do marcador de negação do japonês<sup>3</sup>, que será observado no contexto do que é denominado pela literatura linguística do japonês como predicado morfológicamente complexo (cf. MIYAGAWA, 1980; KAGEYAMA; KISHIMOTO, 2016). Nosso objetivo é analisar a formação de predicados morfológicamente complexos que contenham um marcador de negação e discutir o caráter adjetival que é comumente atribuído ao marcador de negação sentencial do japonês. Seguindo os trabalhos de Shibata (2015), Kobayashi e Fujita (2016) e Kishimoto e Uehara (2016), proporemos uma análise para esses predicados baseada no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ 1993, 1994; EMBICK; NOYER, 2001, 2007). Nessa análise, assumiremos que o expoente fonológico *-(a)na-* para o marcador de negação do Japonês é um elemento funcional sem raiz que realiza o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o predicado verbal morfológicamente complexo negado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Negação; Predicados Morfológicamente Complexos; Morfologia Distribuída.

#### ABSTRACT

This article surveys the Japanese negative marker, which will be observed in the context of what the relevant literature on Japanese Linguistics has called Morphologically Complex Predicate (cf. MIYAGAWA, 1980; KAGEYAMA; KISHIMOTO, 2016). Our main goal is to analyze the formation of morphologically complex predicates that bears the negative marker and discuss the adjectival status that is commonly attributed to the Japanese sentential negation marker. Following work by Shibata (2015), and Kobayashi & Fujita (2016), we will propose an analysis for these predicates based on the Distributed Morphology theoretical framework (HALLE; MARANTZ 1993, 1994; EMBICK; NOYER, 2001, 2007). Our analysis takes the phonological exponent *-(a)na-* for the Japanese negative marker as a rootless functional element which realizes the head of NegP, a functional category which constitutes the negated morphologically complex verbal predicate.

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística pela Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída da USP (GREMD). É bolsista do CNPq, processo n° 155703/2019-6. E-mail: [jorge.pedroso@usp.br](mailto:jorge.pedroso@usp.br).

<sup>2</sup> Professora Livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. Atua em seu Programa de Pós-Graduação em Linguística e coordena o Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída (GREMD). É bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 2, do CNPq, processo n° 303461/2017-9, e lidera, nessa mesma agência, o Grupo de Pesquisas *Morfologia Distribuída: novos olhares*. E-mail: [anascher@usp.br](mailto:anascher@usp.br).

<sup>3</sup> Abreviações: A, adjetivo; ACC, acusativo; CAN, potencialidade; CAUS, causativo; COND, condicional; COP, cópula; DAT, dativo; EMPH, enfatizador; GEN, genitivo; GER, gerúndio; INF, infinitivo; LOC, locativo; MPST, passado modal; N, nome; NEG, negação; NOM, nominativo; NPASS, não passado; PST, passado; PRS, presente; TOP, tópico; V, verbo.

**KEYWORDS:** Negation; Morphologically Complex Predicates; Distributed Morphology.

## INTRODUÇÃO

A língua japonesa é considerada pela literatura linguística uma língua aglutinante (cf.(1)), de estrutura básica sujeito-objeto-verbo (SOV), que marca os argumentos nominais com partículas e que frequentemente cria uma sequência longa de elementos que formam predicados morfológicamente complexos, (PMCs, daqui em diante).

- (1) *Taroo wa Hanako ni koobii o ofisu de mo*  
 Taro TOP Hanako DAT café ACC escritório no também  
*nomanakusaserarenakatta*  
 beber:NEG:CAUS:CAN:NEG:PST  
 lit. 'O que Taro não pôde causar é que Hanako também não beba café no escritório.'  
 (Adaptado de SHIBATA, 2015, p. 100)

A formação de PMCs é especialmente interessante para os estudos morfológicos pois apresenta desafios de análise que levantam questionamentos sobre como se dá a formação desses predicados em japonês e sobre os níveis de transparência e interação das interfaces entre fonologia, morfologia, sintaxe e semântica (cf. MIYAGAWA, 1980; KAGEYAMA; KISHIMOTO, 2016). Em (1), o PMC *nomanakusaserarenakatta* aparece à direita e é composto pelo verbo *nomu* 'beber' seguido dos marcadores de negação *-na-*, cópula adjetival *-ku-*, causatividade *-sase-*, potencialidade *-rare-*, negação *-na-*, cópula adjetival *-kat-* e passado *-ta*.

O marcador de negação em japonês pode ser expresso pelo item *-nai*<sup>4</sup> que possui propriedades flexionais semelhantes às propriedades flexionais dos adjetivos nessa língua, como sugerem os paradigmas flexionais de um adjetivo, *aoi* 'azul', e do marcador de negação sentencial *-nai*, em (2). (cf. SHIBATA, 2015; KOBAYASHI; FUJITA, 2016; KISHIMOTO; UEHARA, 2016)

- (2) Paradigma flexional do adjetivo *aoi* 'azul' e do verbo *miru* 'ver' negado com o marcador de negação sentencial *-nai*<sup>5</sup>

Categoria Flexional	Adjetivo	Verbo negado
	<u>AO</u> -I 'azul'	MI- <u>NA</u> -I 'não ver'
a. Presente indicativo	<u>ao-i</u> <sup>6</sup> azul-COP.PRS <sup>7</sup> 'é azul'	mi- <u>na-i</u> ver-NEG-COP.PRS 'não vê'
b. Passado indicativo	<u>ao-kat</u> -ta azul-COP-PST 'era azul'	mi- <u>na-kat</u> -ta ver-NEG-COP-PST 'não viu'

<sup>4</sup> Diferentes autores trataram do marcador de negação do japonês de formas variadas, optando por representá-lo como *-(a)nai*, *-anai*, *-nai*, *-na-*, etc. Devido à profusão de propostas, unificar o uso de apenas uma forma é uma tarefa que exigiria um artigo por si só. Portanto, chamamos a atenção do leitor para o fato de que ao longo do texto deste artigo nós nos referiremos ao marcador de negação informalmente como *-nai*, salientando nos exemplos, e onde mais for necessário, as diferentes possibilidades de representação.

<sup>5</sup> Glosas e traduções livres nossas. Chamamos a atenção do leitor para o fato de que os verbos da língua japonesa não apresentam concordância/flexão de número e pessoa. Optamos por utilizar aqui a terceira pessoa do singular.

<sup>6</sup> (2)a traz uma forma irregular para a cópula, *-i* [PRS]; essa irregularidade é comum na morfologia flexional nas línguas naturais, especialmente no caso de verbos funcionais como a cópula no tempo presente (cf. NISHIYAMA, 1999).

<sup>7</sup> Adotamos aqui o uso do ponto para separar elementos metalinguísticos representados por um único item da língua. (cf. COMRIE; HASPELMATH; BICKEL, 2015)

c. Provisional	a <u>o</u> - <b>ke</b> -reba azul-COP-COND ‘se for azul’	mi- <u>na</u> - <b>ke</b> -reba ver-NEG-COP-COND ‘se não vir’
d. Gerundivo	a <u>o</u> - <b>ku</b> -te azul-COP-GER ‘azul’	mi- <u>na</u> - <b>ku</b> -te / mi- <u>na</u> - <b>i</b> -de ver-NEG-COP-GER ‘não ver’

(Adaptado de TAKEZAWA, 2016)

Em sua análise sobre o escopo da negação sentencial, Shibata (2015) propõe que a formação dos PMCs do japonês seja morfológica, em oposição às propostas que fazem uso do movimento sintático de núcleos. Por sua vez, Kobayashi e Fujita (2016), além de fazerem a mesma reivindicação, atribuem a Neg um traço [+Adjetival] para explicar os padrões flexionais adjetivais na formação do complexo verbal com o marcador de negação. Contudo, Kishimoto e Uehara (2016) sugerem que o marcador de negação sentencial *-nai* adquiriu status de categoria funcional através do processo de descategorização; isto é, esse marcador, que era um item lexical independente e pertencente à classe dos adjetivos, passou por um processo de perda do status adjetival como item lexical e se tornou um item funcional que reteve o padrão de flexão adjetival.

Faremos uso desses trabalhos visando oferecer, utilizando o aparato teórico da Morfologia Distribuída, uma proposta de análise para a formação de PMCs do japonês que contenham o marcador de negação e o marcador de tempo passado. Nossa análise assume que o expoente fonológico *-(a)na-* para o marcador de negação do Japonês é um elemento funcional sem raiz que realiza o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o PMC verbal negado. Organizaremos este artigo da seguinte maneira: na seção 1 apresentaremos alguns dados do japonês que serão relevantes para a nossa análise. A seção 2, apresentará algumas palavras sobre a cópula no japonês. A seção 3 apresentará brevemente as propostas de Shibata (2015) e Kobayashi e Fujita (2016), duas propostas distintas que fazem uso da Morfologia Distribuída para analisar PMCs que contêm o marcador de negação *-nai*. A seção 4 será dedicada à nossa análise. Por fim, a seção 5 trará nossas considerações finais.

## 1 Alguns Dados

Nesta seção observaremos alguns dados de PMCs do japonês. Seguindo a divisão proposta por Bloch (1946 *apud* KISHIMOTO; UEHARA, 2016) assumimos que o japonês apresenta dois tipos de verbos, a saber, verbos de raiz de final vocálico (3)a e verbos de raiz de final consonantal (3)b. Podemos observar abaixo, em (3), predicados não negativos do japonês.

(3) a. <i>tabe-ru</i> comer-PRS <sup>8</sup>	(食.べ.る) lit. ‘come’
b. <i>kak-u</i> escrever-PRS	(書.く) lit. ‘escreve’

<sup>8</sup> PRS aqui representa o traço de tempo presente, no japonês que pode ser expressado por *-(r)u* (verbos) e *-i* (adjetivos). Um dos pareceristas anônimos do manuscrito desta proposta, a quem agradecemos, apontou a existência de uma visão alternativa para esses elementos presente em Narahara (2002) de acordo com a qual *-(r)u* é o expoente fonológico do categorizador verbal e *-i* o expoente fonológico do categorizador adjetival. Embora essa alternativa de análise traga dados relevantes contra a assunção de PRS nesses dados do japonês, por falta de espaço para uma discussão detalhada desse material no presente trabalho, avaliaremos a adequação de sua incorporação em nossos trabalhos futuros sobre o tema. O que podemos antecipar é que, ao assumirmos, mais à frente neste trabalho, que o marcador de negação do japonês é um item funcional desprovido de raiz, o elemento *-i* que o segue não poderá ser analisado como expoente fonológico de um núcleo categorizador adjetival. Veremos que, fosse esse o caso, haveria conflito na categorização do predicado verbal negado que teria de comportar um categorizador verbal e um adjetival em sua estrutura.

Uma das maneiras de negarmos sentenças ou sintagmas em japonês envolve a inserção do marcador de negação sentencial *-nai* no complexo verbal, como vemos abaixo em (4):

- |                                          |                                    |
|------------------------------------------|------------------------------------|
| (4) a. <i>tabe-na-i</i><br>comer-NEG-PRS | (食. べ. な. い)<br>lit. ‘não come’    |
| b. <i>kak-ana-i</i><br>escrever-NEG-PRS  | (書. か. な. い)<br>lit. ‘não escreve’ |

Nota-se que o marcador de tempo presente *-(r)u* [PRS], característico dos verbos, e presente no exemplo em (3)a, não aparece em (4)a ou (4)b. Em seu lugar, é o elemento *-i*, então, que parece ser o responsável por marcar o tempo [PRS] da sentença (cf. dados em (2)a.). Em (4)b, nota-se também a adjunção do alomorfe *-ana-* do marcador de negação.<sup>9</sup>

Vemos, abaixo, em (5) os predicados com o marcador de tempo passado:

- |                                    |                              |
|------------------------------------|------------------------------|
| (5) a. <i>tabe-ta</i><br>comer-PST | (食. べ. た)<br>lit. ‘comeu’    |
| b. <i>kai-ta</i><br>escrever-PST   | (書. い. た)<br>lit. ‘escreveu’ |

Quando o marcador de tempo passado *-ta* [PST] se liga à raiz consonantal *kak-* ‘escrever’, a forma subjacente /*kak-ta*/ emerge como *kaita*. A vogal /i/ serve de epêntese nesse caso em que a raiz termina em /k/ e essa consoante velar da coda, /k/, é deletada antes da vogal epentética /i/. Em vez de \**kakita*, emerge a forma *kaita*. (cf. KUBOZONO, 2015)

Em (6) apresentamos predicados negados com o marcador de tempo passado:

- |                                                   |                                           |
|---------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| (6) a. <i>tabe-na-kat-ta</i><br>comer-NEG-COP-PST | (食. べ. な. か. た)<br>lit. ‘não comeu’       |
| b. <i>kak-ana-kat-ta</i><br>escrever-NEG-COP-PST  | (書. か. な. か. つ. た)<br>lit. ‘não escreveu’ |

Quanto aos dados em (6), observa-se o elemento *-kat-* entre o marcador de negação *-na-* (cf. (6)a) ou *-ana-* (cf. (6)b) e o marcador de passado *-ta*. Sobre esses dados, as análises na literatura relevante variam quanto ao tratamento proposto para o predicado complexo *-(a)nakatta* ‘-Neg.COP.PST’. Kishimoto (2013) assume que *-nakat-* é o marcador de negação no contexto de *-ta* que, na sua visão, é o marcador de tempo passado tanto para verbos quanto para adjetivos. Já Takezawa (2016) assume que *-na-* é o marcador de negação e que *-katta* é um marcador de tempo passado para adjetivos em oposição a *-ta* para verbos. Finalmente, autores como Nishiyama (1999) e Frellesvig (2010), partindo de uma visão diacrônica da língua, assumem, como nós fizemos em nossas glosas, que o complexo *-(a)na-kat-ta* (cf. (6)a, b) é formado pelo marcador de negação *-(a)na-*, pela cópula adjetival *-kat-* e pelo marcador de passado *-ta*. A forma subjacente de *-kat-* seria /ku-ar/ em que /ku/ seria a cópula adjetival do japonês pré-moderno e /ar/ uma falsa cópula proveniente do verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> O marcador de negação é comumente representado como *-(a)nai* para expressar os dois alomorfes, *-nai* e *-anai*.

<sup>10</sup> Como sugerido por um dos pareceristas do presente trabalho, iremos explorar com mais detalhes a cópula adjetival do japonês na seção 2, intitulada “cópulas do japonês”.

Apresentamos abaixo em 0, os dados de (3)-(6) esquematizados em um formato que facilita sua visualização e compreensão.

Verbos do japonês e o marcador de negação sentencial *-nai*

Categoria Flexional	Verbo (negado) raiz de final vocálico	Verbo (negado) raiz de final consonantal
a. Presente indicativo	TABE ‘come’ tabe-ru comer-PRS ‘come’	KAK ‘escreve’ kak-u escrever-PRS ‘escreve’
b. Presente indicativo negativo	tabe-na-i comer-NEG-COP.PRS ‘não come’	kak-ana-i escrever-NEG-COP.PRS ‘não escreve’
c. Passado indicativo	tabe-ta comer-PST ‘comeu’	kai-ta escrever-PST ‘escreveu’
d. Passado indicativo negativo	tabe-na-kat-ta comer-NEG-COP-PST ‘não comeu’	kak-ana-kat-ta escrever-NEG-COP-PST ‘não escreveu’

## 2 Cópulas do japonês

Em sua descrição do Japonês Arcaico, Frellesvig (2010) afirma que os adjetivos são raízes ou bases nominais que eram normalmente seguidas de um auxiliar (a cópula adjetival) mas também podiam ser usadas de forma independente, de forma exclamativa reforçada por uma interjeição (7)a ou por uma partícula interjetiva (7)b. O autor salienta que esse tipo de uso ainda é corrente no japonês contemporâneo com a vogal final alongada, e.g. *takaa* ‘que carol!’ (dicionarizado *takai* ‘caro’).

- (7) a. *ana* ***omosirwo*** (Kogoshūi)  
interjeição maravilhoso ‘que maravilhoso’  
b. ***oso*** *ya,* *kono kimi* (Man’yōshū 9.1741)  
estúpido partícula este homem ‘ele é estúpido, este homem’  
(Adaptado de FRELLESVIG, 2010, p. 80)

Frellesvig afirma que os adjetivos eram adverbializados, adnominalizados ou predicados através de formantes particulares que se adjungiam à raiz ou base dos adjetivos. O autor interpreta esses formantes como uma cópula restrita, que ele denomina “cópula adjetival”, devido à suas funções (adverbializar, adnominalizar e predicar as raízes ou bases nominais dos adjetivos) e devido ao seu desenvolvimento morfológico compartilhado com a cópula *to* e *ni* do japonês arcaico, isto é, tanto as cópulas regulares *to* e *ni* quanto a cópula adjetival *ku* apresentam diacronicamente formas analíticas junto do verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ e também formas sintéticas nas quais há fusão das cópulas com o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’.

Frellesvig discorre sobre como as formas analíticas das cópulas com o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ foram sujeitas a um processo de apagamento de vogal que ocorre quando há a adjunção de certos morfemas, processo esse que é característico do japonês, uma língua aglutinante. O autor cita como exemplos desse processo as formas em que o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ funde-se com um morfema gramatical monossilábico que o precede, por exemplo, para a forma estativa perifrástica N-*ni-ar-* (N-COP-ser/estar) há o apagamento do elemento /i/ da cópula *-ni-* resultando

na forma N-*nar-* (N-COP.ser/estar) e em N-*to-ar-* (N-COP-ser/estar) há o apagamento do /o/ da cópula *-to-* resultando na forma N-*tar-* (N-COP.ser/estar). Já a negação estendida V-(*a*)*zu-ar-* (V-NEG-ser/estar) resulta em V-(*a*)*zar-* (V-NEG.ser/estar) e a cópula adjetival A-*ku-ar-* (A-COP-ser/estar) após a fusão era representada por A-*kar-* (A-COP.ser/estar). O autor ressalta esse processo de fusão das cópulas/marcador de negação com o verbo *ar-* ‘ser/estar’ através de exemplos de predicados complexos como:

- (8) *kak-azu-ar-* ‘escrever-NEG-ser/estar’ => *kak-azar-* ‘escrever-NEG.ser/estar’;  
 (9) *aka-ku-ar-* ‘vermelho-COP-ser/estar’ => *aka-kar-* ‘vermelho-COP.ser/estar’.

Frellesvig afirma que no japonês arcaico essas formas fundidas eram simples fusões fonológicas mas, no japonês pré-moderno essas formas foram reanalisadas dando origem aos morfemas *-tar-* ‘cópula’, *-zar-* ‘negação’ e *-kar-* ‘cópula adjetival’. O autor aponta, ainda, que no japonês arcaico o morfema de passado modal -(*i*)*kyer-* não se adjungia diretamente às formas flexionais da cópula adjetival em (10).

(10) Principais formas da cópula adjetival no japonês arcaico

Categoria Flexional	Cópula Adjetival
a. Conclusiva	<i>si</i>
b. Adnominal	<i>ki</i>
c. Exclamatória	<i>sa</i>
d. Infinitiva	<i>ku</i>

Segundo o autor, foi a formação analítica da cópula adjetival com o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ (*-ku ar*) que trouxe a possibilidade dessa construção ser realizada, e.g. em (11), abaixo.

- (11) *Kimi ga yosopi si taputwo-ku ari-kyeri*  
 milorde GEN traje EMPH admirável-COP.INF ser/estar-MPST.CONCL  
 lit. ‘sua vestimenta, é admirável, milorde!’

(Adaptado de FRELLESVIG, 2010, p. 90)

Ainda de acordo com Frellesvig, ao final do período moderno, na transição para o japonês contemporâneo, a cópula adjetival possuía o que ele chamou de “formas flexionais” para a maior parte das categorias para as quais os verbos do japonês se flexionavam. No entanto, o passado era mais comumente formado analiticamente através da construção *-ku atta* ‘-COP ser/estar.PST’ ou *-ku gozatta* ‘-COP ser/estar (polido).PST’. Durante esse período, como continua o autor, a cópula adjetival para o passado na forma *-kat-ta* ‘COP-PST’ ainda não estava bem estabelecida, suas ocorrências eram raras e ela geralmente aparecia junto do morfema de negação *na-*. Essa construção *na-kar-* ‘NEG-COP’, ele observa, esteve perto de ser lexicalizada como um verbo *nakar-*, apresentando formas como *nakaru* ‘não existe’ ou *nakatta* ‘não existiu’ que não eram, em geral, observadas em outros adjetivos.

A descrição diacrônica que Frellesvig (2010) fez da cópula adjetival do japonês avança interpretações que já apareciam em trabalhos como os de Nishiyama (1999) e de Narahara (2002). Esses três autores, entre outros, salientam que no japonês pré-moderno os adjetivos eram marcados pelos elementos finais *-ki* ou *-si*, ambos neutralizados em *-i*.

Nishiyama (1999) aponta a similaridade, no japonês contemporâneo, entre as formas de passado da cópula adjetival *katta* ‘COP.PST’ (e.g. *ao-katta* ‘azul-COP.PST’ ‘era azul’), da cópula regular *datta* ‘COP.PST’ (e.g. *kagami datta* ‘espelho COP.PST’ ‘era um espelho’) e do verbo existencial *atta* ‘ser/estar.PST’ (e.g. *soko ni atta* ‘ali LOC ser/estar.PST’ ‘estava ali’). O autor os decompõe da seguinte forma:

- (12) /k-ar-ta/: *k-* raiz da cópula; *-ar-* verbo copular ‘ser/estar’; *-ta* morfema de passado;  
 (13) /d-ar-ta/: *d-* raiz da cópula; *-ar-* verbo copular ‘ser/estar’; *-ta* morfema de passado;  
 (14) /ar-ta/: *ar-* verbo copular ‘ser/estar’; *-ta* morfema do passado.

Quanto à ausência da cópula adjetival na forma superficial dos adjetivos do japonês contemporâneo no tempo presente (cf.(2)), Nishiyama afirma que segue Urushibara (1993, p. 36) e atribui essa ausência à tendência do tempo presente não requerer uma representação superficial da cópula, como no hebraico (ver RAPOPORT, 1987; e DÉCHAINED, 1993).

Em contrapartida, a análise de Narahara (2002)<sup>11</sup> rejeita a proposta de que *-i* seja um marcador de tempo presente (cf.(2)). A autora propõe que no japonês apenas o material *-ta* ‘PST’ é uma representação morfológica de tempo que resulta em uma interpretação semântica. Ela expõe que a análise mais comum de traços morfológicos do morfema *-i* é a de que ele é o marcador de tempo presente, mas argumenta contra essa posição dizendo que a sua visão concorda com as análises dos gramáticos tradicionais japoneses sobre a representação morfológica assimétrica do tempo nessa língua, isto é, há apenas uma morfologia para a categoria tempo no japonês moderno: o marcador de tempo passado *-ta*.

Um dos argumentos que Narahara usa para rejeitar a análise de *-i* como um marcador de tempo presente é a assimetria morfológica entre o marcador de passado que está sempre representado superficialmente por *-ta* e o suposto marcador de tempo presente que possui uma realização diferente para cada categoria, a saber, *-(r)u* para verbos, *-i* para adjetivos e, segundo a autora, *-a* para a cópula moderna do japonês *da*. Narahara então oferece sua análise alternativa na qual *-(r)u* e *-i* marcam a categoria do predicado ao qual estão ligados (marcadores de verbos e adjetivos, respectivamente) e *-a* é um marcador que ela denomina ‘afirmativo’ e marca o caráter afirmativo da cópula *da*.

Ela avança seu argumento destacando que um morfema como *-i* no adjetivo *huru-i* ‘é velho’ não pode sozinho ser a representação superficial de três traços diferentes, a saber: i) o traço não polido (em oposição à forma polida *huru-i desu* ‘é velho (polido)’<sup>12</sup> (segmentação da autora)); ii) o traço de item positivo (em oposição à forma negativa *huru-kunai* ‘não é velho’ (segmentação da autora)); e iii) o traço de presente (em oposição à forma de passado *huru-katta* ‘era velho’ (segmentação da autora)). Ela afirma ser razoável assumir que *-i* representa não mais que um traço, seja esse traço um dos três mencionados ou um traço categorizador como ela propôs. Ainda, a autora afirma que o material /-kat-/ de um adjetivo em tempo passado como /atu-kat-ta/ ‘era quente’ é um material irrelevante para qualquer interpretação semântica, assim como o material /-at-/ da cópula regular no tempo passado /d-at-ta/ e não glosa nem propõe uma análise ou interpretação para esse material.

Como veremos na seção 4 deste trabalho, a assunção de que *-(r)u* e *-i* carregam traços de categoria (verbal e adjetival, respectivamente) acarreta um impasse crucial devido à profusão de categorizadores em um mesmo predicado, e.g. o predicado complexo *ao-i des-u* ‘é azul (polido)’ teria um categorizador adjetival e um verbal; nesse caso qual seria a categoria desse complexo? Já o predicado complexo *tabe-na-i* ‘não come’ teria de ser interpretado com um predicado complexo adjetival, apesar ter um verbo em sua composição.

Assim, a autora falha ao afirmar que /-at-/, na cópula regular em tempo passado /d-at-ta/, e /-kat-/, em um adjetivo em tempo passado como /atu-kat-ta/ ‘era quente’ são irrelevantes para a interpretação semântica, bem como ao não reconhecer *-kat-* como uma cópula, mesmo mostrando sua semelhança com a cópula tradicional do japonês.

<sup>11</sup> Que, como já apontado acima, nos foi indicada por um parecerista anônimo.

<sup>12</sup> Para a autora o marcador de polidez nesse caso seria o material /-es-/ da cópula polida *desu*.

### 3 PMCs: Propostas na Morfologia Distribuída

No campo dos estudos morfológicos, modelos teóricos como a Morfologia Distribuída (doravante, MD), apresentada em Halle e Marantz (1993, 1994), Embick e Noyer (2001, 2007), entre outros, propõem transparência absoluta entre morfologia e sintaxe, ou seja, não há um limite claro entre esses componentes na arquitetura da gramática. Os princípios e operações sintáticas são responsáveis por organizar os nós terminais sintáticos em estruturas hierárquicas e, sendo os nós terminais unidades menores do que a “palavra”, assume-se que a sintaxe é responsável pela derivação da estrutura interna da palavra.

Rompendo com a tradição do gerativismo lexicalista, esse modelo teórico se propõe não lexicalista, no sentido em que não pressupõe um léxico pré-sintático no qual palavras são geradas ou armazenadas, e adota a sintaxe como único componente gerativo na gramática. Nessa hipótese sobre a arquitetura da gramática todos os objetos complexos são derivados sintaticamente. Não há divisão entre processos de formação de palavras e de formação de frases nessa gramática: um único sistema gerativo (a sintaxe) é responsável pela construção dos dois tipos de objetos (cf. EMBICK, 2015).

Nesta seção, apresentaremos dois trabalhos importantes que tratam da formação de PMCs do japonês levando em consideração o marcador de negação. Trata-se dos trabalhos de Shibata (2015) e Kobayashi e Fujita (2016). Ambas as propostas fazem uso do modelo teórico da MD; porém, veremos que os autores tratam apenas parcialmente do processo de formação do complexo verbal.

#### 3.1 A Negação e as Interfaces

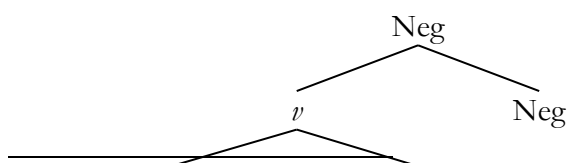
Shibata (2015) argumenta, em contraste com propostas anteriores (KUNO, 1983; KATAOKA, 2006; KISHIMOTO, 2008), que os diferentes padrões de escopo da negação do japonês podem ser explicados através de uma estrutura sintática com uma única posição para a negação. O autor afirma que, devido à aparente restrição do escopo da negação do japonês em comparação com outras línguas, muitos teóricos defenderam que o japonês admite posições variadas de NegP na estrutura sintática.

Em sua proposta, Shibata assume que a estrutura da negação no japonês é a mesma estrutura que é assumida translinguisticamente.<sup>13</sup>

- (15) Estrutura sintática subjacente do verbo negado (SHIBATA, 2015, p. 58)  
 $[_{TP} T [_{NegP} Neg [_{vP} v [VP \dots ]]]]$

Assumindo o modelo teórico da MD, Shibata levanta a hipótese de que os PMCs do japonês possuem estrutura sintática interna, isto é, não são compostos lexicais que viriam prontos do léxico para serem manipulados pela sintaxe. Partindo da estrutura sintática subjacente do verbo negado em (15), ele sugere a estrutura morfológica em (16) para o verbo com negação:

- (16) Estrutura morfológica do PMC  $[_{Neg} Neg [v v V]]$  (SHIBATA, 2015, p. 141)



<sup>13</sup> Por restrições de espaço não pudemos realizar uma discussão das hipóteses alternativas de Kuno (1983), Kataoka (2006) e Kishimoto (2008) como nos foi sugerido por um dos pareceristas que avaliaram o presente trabalho. Referimos o leitor ao texto original de Shibata (2015) para ter acesso à discussão completa das hipóteses alternativas que já foram propostas.



Através de testes de escopo e aceitabilidade de sentenças, Shibata conclui que algumas combinações de elementos que compõem os PMCs do japonês não podem ser separadas, isto é, são inaceitáveis as sentenças que contenham elementos tais como um advérbio interveniente entre, por exemplo, os nós V e Neg. Além da negação, Shibata investigou os marcadores *-(r)are* (potencial), *-(s)ase* (causativo), *-oeru* (aspecto – completude) e *-tai* (desiderativo), concluindo que esses marcadores apresentam a mesma característica de não permitirem elementos intervenientes entre o nó terminal verbal e o nó terminal correspondente a cada um desses marcadores.

Nesse sentido, os dados abaixo se revelam muito interessantes e o autor faz a demonstração dessa propriedade dos PMCs do japonês através desses dados:

(17) *Watasi wa Taro ni tabako o sum-anaku sase-ru*  
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar-NEG CAUS-PRS  
 ‘Eu faço o Taro não fumar cigarros’

(18) *Watasi wa Taro ni tabako o sum-ase-ru*  
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar-CAUS-PRS  
 ‘Eu faço o Taro fumar cigarros’

(KURODA, 1981 apud SHIBATA, 2015, p. 170-171, adaptado)

Shibata aponta que o PMC em (17) *V-anaku sase-ru* ‘V-NEG-CAUS-PRS’ pode ser separado em duas partes: V-NEG e CAUS-PRS. Por outro lado, o PMC em (18), *V-ase-ru* ‘V-CAUS-PRS’, seria um PMC inseparável. O autor faz esse apontamento de acordo com os fatos empíricos observados abaixo em (19) e (20).

(19) *Watasi wa Taro ni tabako o sum-anaku kyoo totuzen (s)ase-ru*  
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar-NEG hoje repentinamente CAUS-PRS  
 ‘Hoje repentinamente eu faço o Taro não fumar cigarros’

(20) \* *Watasi wa Taro ni tabako o sum(u) kyoo totuzen (s)ase-ru*  
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar hoje repentinamente CAUS-PRS  
 Intencionado ‘Hoje repentinamente eu faço o Taro fumar cigarros’

(Adaptados de SHIBATA, 2015, p. 171)

Apesar de esses dados serem muito similares no que concerne à sintaxe, o fato de que o PMC em (17) pode ser separado por um advérbio, como em (19) e permanecer bem formado, mas não o PMC em (18), como mostra (20), é tomado pelo autor como um forte argumento em favor da abordagem morfológica para os PMCs do japonês, uma vez que essa análise através da MD prevê corretamente possíveis leituras de escopo intermediário em sentenças com PMCs, como o que vimos em (17).

### 3.2 PMC sem alçamento de Neg

Kobayashi e Fujita (2016), contra Kishimoto (2007, 2013), sugerem uma análise para a formação do complexo verbal utilizando o aparato teórico da MD. Assim como Shibata (2015), os autores propõem que V, Neg e T são núcleos adjacentes no componente morfológico e que esses núcleos sofrem *merge* morfológico pós-sintaticamente. O objetivo deles é demonstrar que, no

japonês, o complexo verbal não é formado através do alçamento de Neg (Neg-raising) na sintaxe, como proposto por Kishimoto. Na realidade, o foco da proposta dos autores é fornecer evidências empíricas contra o alçamento sintático de Neg em japonês e explicar os padrões de flexão de T no complexo verbal, independente da presença ou ausência de Neg no PMC.<sup>14</sup>

Em sua proposta, Kobayashi e Fujita apontam que a argumentação de Kishimoto vai no sentido de dizer que o marcador de Tempo (que, para Kishimoto, é realizado no núcleo sintático Fin de FinP, seguindo Rizzi (1997)) pode ser realizado por formas morfológicas distintas a depender do predicado ao qual está associado.

Como vimos na introdução do presente trabalho (cf.(2)), o padrão flexional do PMC com o verbo negado é similar ao padrão flexional dos adjetivos; nesse sentido, Kishimoto postula duas hipóteses: (i) o marcador de tempo inicialmente subespecificado no japonês será realizado em Fin que recebe sua especificação através dos traços [+A] ou [+V] quando o PMC é alçado para T-Fin (cf. (21)a, (alçamento de Neg)); (ii) os traços flexionais nos predicados são copiados através de um processo que copia os traços que determinam a morfologia flexional (cf. (21)b). Kishimoto chama esse processo de *'tense-type identification'*. Aqui, ele assume que *-nai* tenha os traços [-Lexical +A(djetival)] de sua categoria formal, e o tempo no núcleo Fin atrai o predicado funcional adjetival *-nai* para o processo de *tense-type identification*, conforme ilustrado em (21), conferindo a T o traço [+A].

(21) Alçamento de Neg e atração de Neg pelo núcleo Fin

- a. ...] Neg<sub>[-lexical +A]</sub> INFL] FIN<sub>[...]</sub> => ...] Neg<sub>[-lexical +A]</sub>-INFL-FIN<sub>[...]</sub> ...]  
 b. [Neg<sub>[-lexical +A]</sub>-INFL-FIN<sub>[+A]</sub>

(Adaptado de KOBAYASHI; FUJITA, 2016<sup>15</sup>)

No entanto, Kobayashi e Fujita (2016) argumentam que as formas distintas para T devem ser determinadas apenas pela adjacência dos núcleos do PMC, como veremos abaixo. É do nosso interesse apontar que, diferentemente de Shibata (2015), Kobayashi e Fujita (2016) não apresentam uma estrutura interna para o complexo verbal. No entanto, eles propõem os Itens de Vocabulário em (22):

(22) Itens de Vocabulário para o nó terminal T (KOBAYASHI e FUJITA 2016, (11))

- a. T<sub>[PRS]</sub> → *-i*/X<sub>[+A]</sub>\_\_\_\_\_<sup>16</sup>  
 b. T<sub>[PRS]</sub> → *-ru*/X<sub>[+V]</sub>\_\_\_\_\_

Os autores chamam atenção para o padrão flexional do marcador de negação *-nai* e assumem, assim como Kishimoto, um traço [+A(djetival)] para o nó terminal Neg (que receberia o segmento *-na-*), enquanto o segmento *-i* seria inserido no nó terminal T. Eles afirmam que o traço [+A] de Neg permite que T receba a flexão dos adjetivos, uma vez que Neg sempre intervém entre os nós terminais de V e T. Assim, uma vez que em MD expoentes fonológicos são adicionados nos nós terminais pós-sintaticamente através da operação de inserção de vocabulário, a adjacência dos núcleos V-Neg-T, que não pode ser interrompida seria um dado crucial para determinar a inserção de *-i*, marcador de PRS para adjetivos, e não de *-ru*, marcador de PRS para verbos, em T.

<sup>14</sup> Novamente, por restrições de espaço e por fugir do escopo deste artigo, omitimos aqui os detalhes e argumentos que levaram os autores a essa conclusão. Referimos o leitor ao texto original para ter acesso aos argumentos contra a proposta de Kishimoto (2007, 2013).

<sup>15</sup> (21) foi retirado do texto de Kobayashi e Fujita (2016); porém já estava presente em Kishimoto (2013), p. 144.

<sup>16</sup> Lê-se a notação “/X” como “no contexto de X”. Em termos informais, o item Vocabulário em (18)a, por exemplo, diz que o morfema funcional T<sub>[PRS]</sub> é realizado com o expoente fonológico *i* quando T<sub>[PRS]</sub> ocorre no contexto de X<sub>[+A]</sub>. O ponto crucial aqui é que é um elemento no contexto do nó T<sub>[PRS]</sub> que desempenha um papel na determinação de qual Item de Vocabulário é empregado.

Veremos na próxima seção a problemática envolvida na atribuição de um traço [+A] para Neg como propuseram Kobayashi e Fujita (2016) e ofereceremos uma alternativa a essa proposta.

#### 4 Uma nova proposta para o PMC verbal com o marcador de negação

As propostas que apresentamos na seção 3 servem de base para o que iremos propor a seguir. Como apontamos na introdução deste trabalho, Kishimoto e Uehara (2016) sugerem que o marcador de negação *-nai* adquiriu *status* de categoria funcional através do processo de descategorização (perda do *status* adjetival). Portanto, iremos começar esta seção avaliando a adoção do traço [+A] na estrutura do complexo verbal – do verbo negado – para dar conta da inserção de vocabulário como fizeram Kobayashi e Fujita (2016).

A primeira reivindicação que faremos, seguindo Kishimoto e Uehara (2016), é que o marcador de negação *-na-* é um elemento funcional. Isso nos remete ao tratamento proposto para a raiz em Embick (2015). O autor afirma que ser raiz é uma propriedade inerente a certos objetos na gramática: raízes não possuem traços sintático-semânticos e, portanto, não podem ser decompostas em traços dessa natureza. Para ele, verbos e outras palavras podem existir sem que possuam raiz no sentido técnico, mesmo que sejam elementos que servem de “base” para afixos. Assim, diferentemente das raízes, verbos leves são apenas feixes de traços sintático-semânticos. A forma *goes* ‘ir<sub>3SG</sub>’ deriva de um núcleo funcional  $v_{go}$ , T(empo) e o marcador de concordância da terceira pessoa do singular *-s*. A raiz  $\sqrt{GO}$  não existe, ou seja, a forma *goes* constitui-se apenas de morfemas funcionais, mesmo que *go* pareça ser uma “base lexical” para a afixação de *-s*<sup>17</sup>.

Transferindo esse raciocínio para o marcador de negação do japonês, será possível dizer que a negação não possui raiz<sup>18</sup>. Este é um ponto importante, já que Shibata (2015) faz menção à possibilidade de o núcleo sintático Neg ser formado por  $\sqrt{Neg}$  e um categorizador *a*. Apesar de não desenvolver essa proposta, a menção que o autor faz expõe a possibilidade de entendimento de que o marcador de negação sentencial seria de alguma forma um adjetivo lexicalizado, vide a própria menção de um núcleo categorizador *a*. De maneira similar, o tratamento que Kobayashi e Fujita sugerem para o PMC com o marcador de negação, assumindo um traço [+A] para o nó terminal Neg, ecoa esse entendimento de que o marcador de negação sentencial do japonês possui algum caráter adjetival.

Kishimoto e Uehara (2016) afirmam que o marcador de negação sentencial *-nai* não possui as propriedades de um adjetivo lexical, apesar do seu padrão flexional (cf. dados em (2)), mas atua como um predicado funcional. Os autores atribuem à *-nai* a especificação [-A, -Pred, +Aggl] de

<sup>17</sup> Um raciocínio semelhante aparece em Fábregas (2017), que afirma, sobre as vogais temáticas, que a ausência de uma composição *raiz* + *vogal temática* e sua natureza de verbo leve são correlacionadas. O autor afirma que o verbo *ser* do espanhol não apresenta uma vogal temática porque ambos – *ser* e a vogal temática – são o mesmo objeto na sintaxe. Temos uma estrutura para um verbo 'padrão' consistindo no verbo leve (vogal temática) e raiz [<sub>VP</sub>  $\sqrt{cant}$  V<sub>a</sub>], e *ser* é apenas o verbo leve sem raiz [<sub>VP</sub>  $v_{ser}$ ]. Outro caso prototípico de verbos leves são os usados como auxiliares de aspecto: o *estar* progressivo, o *haber* perfeito e o potencial *ir*.

<sup>18</sup> Um dos pareceristas que avaliou este trabalho apontou que diferentemente de *ser* (um verbo “anômalo” que desencadeia supleção), *não*, em português, por exemplo, parece ter um conteúdo semântico mais definido e que ainda podemos ver sinais desse conteúdo nos itens de polaridade negativa, como, por exemplo, *nada* e *nenhum*. Para esse parecerista, esses sinais poderiam constituir evidência para a existência de uma raiz na negação do português. Nishiyama (1999), por sua vez, discute os demonstrativos *this*, *that*, *these* e *those*, do inglês, afirmando que, apesar de todos iniciarem com /th/, não é possível tratar/th/ como um morfema independente, uma vez que seqüências como \*/ese/ ou \*/ose/ não são observadas independentemente no inglês. Ao analisarmos os pronomes demonstrativos *este* e *esse*, do português, nota-se a similaridade com o inglês. A princípio, essas formas parecem passíveis de decomposição, com a seqüência /es/ figurando como um morfema independente. No entanto, os elementos \*/te/ e \*/se/, que representariam, talvez, proximidade e distância, respectivamente, não são atestados independentemente no português. A decomposição dos itens de polaridade negativa *nada* e *nenhum*, do português, resulta em um elemento comum, /n/, e nos elementos \*/ada/ e \*/enhum/, que não ocorrem independentemente com o mesmo significado. Isso compromete a hipótese de que um desses três elementos possa exibir comportamento de raiz.

acordo com suas observações empíricas de que o marcador de negação *-nai* não funciona como um adjetivo lexical livre [-A], não possui status de predicado lexical [-Pred], mas é um elemento aglutinante que não ocorre livremente na sentença [+Aggl]. Essa especificação é diferente da adotada em Kishimoto (2013) onde a especificação para *-nai* é [-lexical, +A]. Aqui, a adoção de [+A] pelo autor se dá baseada no padrão flexional de *-nai*; essa mudança no posicionamento dos autores quanto à especificação do marcador de negação *-nai* reflete a discussão que faremos abaixo de que o comportamento morfológico não é suficiente para sustentar o traço [+A] no marcador de negação.<sup>19</sup>

Adger e Svenonius (2010) e Corbett (2012) abordam o uso e descrição de traços no âmbito da teoria Minimalista. Adger e Svenonius apontam que traços como N, V, A, P, C, T e D podem ser membros de uma classe de traços denominada *categoria*. A classe de traços *categoria* é definida sintagmaticamente ao passo que as suas subdivisões possíveis são definidas paradigmaticamente (p.e. nome contável animado (gato), adjetivo gradativo (frio), etc.). Por sua vez, Corbett afirma que as categorias que ele descreve como partes do discurso, tais como verbo ou substantivo, são traços sintáticos, em oposição a traços semânticos (p.e. animacidade) e morfológicos (p.e. classe flexional). Ele traz à tona um questionamento a respeito das partes do discurso serem puramente sintáticas e afirma que elas são, de forma clara, primariamente sintáticas. Isso, porque, quando há dúvida sobre a parte do discurso à qual um item pertence, são as evidências sintáticas que são cruciais para a resolução dessa dúvida, sendo que, nos casos canônicos, a semântica e a morfologia se alinham com a categorização sintática. O autor adiciona, ainda, que é comum percebermos que as propriedades morfológicas de itens diferentes são previsíveis de acordo com a parte do discurso à qual eles pertencem. Seguindo essa lógica, os dados em (2) indicam que a parte do discurso ou categoria à qual o marcador de negação pertence é, de fato, a do que estamos chamando informalmente de adjetivos do japonês.

Entretanto, Corbett (2012) salienta que um item que pode ser o núcleo de um sintagma nominal (teste sintático) é um nome. Espera-se que esse item denote uma entidade (caracterização semântica) e que flexione apropriadamente em uma dada língua ao marcar número por exemplo (caracterização morfológica). Trazendo exemplos do russo, o autor mostra que apesar de o nome *stolovaja* ‘sala de jantar’, que é núcleo de um sintagma nominal, precedido por determinantes e adjetivos, etc., pertencer à parte do discurso ‘nome’, ele se comporta de acordo com o mesmo padrão flexional do adjetivo regular *staraja* ‘velho (feminino, singular)’. Isto é, de acordo com a morfologia, *stolovaja* ‘sala de jantar’ deveria ser um adjetivo; porém, de acordo com seu comportamento sintático *stolovaja* ‘sala de jantar’ é um nome. Corbett conclui, então, que, para as partes do discurso, é a sintaxe que fornece o teste crucial e que a morfologia é capaz de mostrar discrepâncias interessantes na parte do discurso que é definida sintaticamente.

Corbett (2012) afirma, ainda, que um item possui apenas uma especificação para a parte do discurso à qual pertence, por exemplo, verbo, mas esse item pode ter valores diferentes para tempo, pessoa, número, etc. No âmbito dos traços morfológicos, Corbett afirma que estes têm papel apenas na morfologia e diferem de traços morfossintáticos por caracterizarem variações na forma que são independentes do contexto sintático. Nesse sentido, a proposta de Kobayashi e Fujita (2016) exemplifica essa afirmação de Corbett já que a variação na forma do marcador de tempo PRS para o nó T (*-i* ou *-(r)u*) para esses autores depende da adjacência dos núcleos V-Neg-T no componente morfológico.

Além disso, Kishimoto e Uehara (2016) afirmam que o que vimos até agora chamando informalmente de adjetivos e verbos da língua japonesa são estruturalmente muito similares, sugerindo que adjetivos e verbos do japonês, juntos, compõem uma categoria de predicadores da

<sup>19</sup> Tanto em Kishimoto (2013) quanto em Kishimoto e Uehara (2016) são apresentados dados onde os autores especificam o marcador de negação *-nai* como [+lexical +A] (KISHIMOTO, 2013) e como [+A, +Pred, +Aggl] (KISHIMOTO; UEHARA, 2016), de acordo com a posição sintagmática dos PMCs com o marcador de negação que eles observaram.

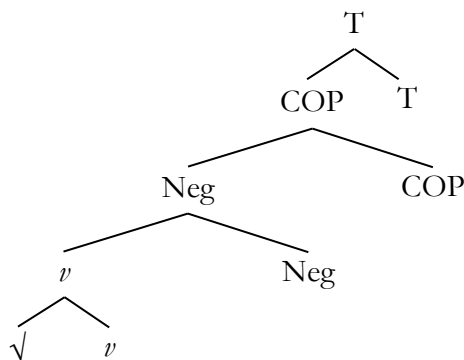
qual são subcategorias. Essa sugestão está de acordo com Corbett (2012) no entendimento de que é necessário fornecer subclasses para as principais divisões como nome, verbo, etc. Assim, ainda de acordo com Corbett, mesmo que tenhamos várias subclasses das partes do discurso, estas são diferentes, em sua natureza, de traços como Caso e Número, que não se relacionam com a granularidade das divisões das partes do discurso, uma vez que as atravessam consistentemente.

Portanto, seguindo os principais pontos da discussão realizada acima, assumiremos neste trabalho que:

- (i) o marcador de negação do japonês *-(a)na-* é um elemento funcional que não possui raiz (segundo a proposta de Embick (2015) para elementos funcionais);
- (ii) *-(a)na-* é um dos expoentes fonológicos possíveis para o nó terminal da projeção Neg (SHIBATA, 2015; KOBAYASHI; FUJITA 2016);
- (iii) a projeção Neg representa uma categoria funcional e deve ser tratada da mesma forma que N, V, A e P, no que concerne às regras de projeção (ADGER; SVENONIUS, 2010);
- (iv) o PMC verbal, mesmo que negado pode ter apenas um traço que defina sua parte do discurso, nesse caso [V],<sup>20</sup> sendo as diferenças do expoente do nó T para o PMC verbal negado uma discrepância entre morfologia e sintaxe (CORBETT, 2012).

Com isso em vista, retomamos a estrutura em (16), proposta por Shibata (2015) e os itens de vocabulário em (22), propostos por Kobayashi e Fujita (2016). A partir da relação que se estabelece entre as propostas desses autores, propomos aqui a seguinte estrutura morfológica para verbo negados (cf. (23)), em que o nó COP é equivalente à junção dos nós terminais Pred e V de Nishiyama (1999):

(23) Morfologia do verbo negado



Os nós terminais dessa estrutura serão alvo da operação de inserção de vocabulário. Um fragmento do conjunto dos itens de vocabulário do japonês que estarão em competição nesse processo de inserção de vocabulário segue em (24) e (25), e é um desenvolvimento do inventário dos itens de vocabulário propostos por Kobayashi e Fujita (2016). No que concerne ao item de vocabulário relativo à negação verbal, os itens são propostos de maneira a observar a alomorfa contextual descrita nos exemplos em (4), que revelam formas distintas do marcador de negação para verbos terminados em vogais (*-na-*) ou em consoantes (*-ana-*).

(24) Itens de Vocabulário para o nó terminal Neg

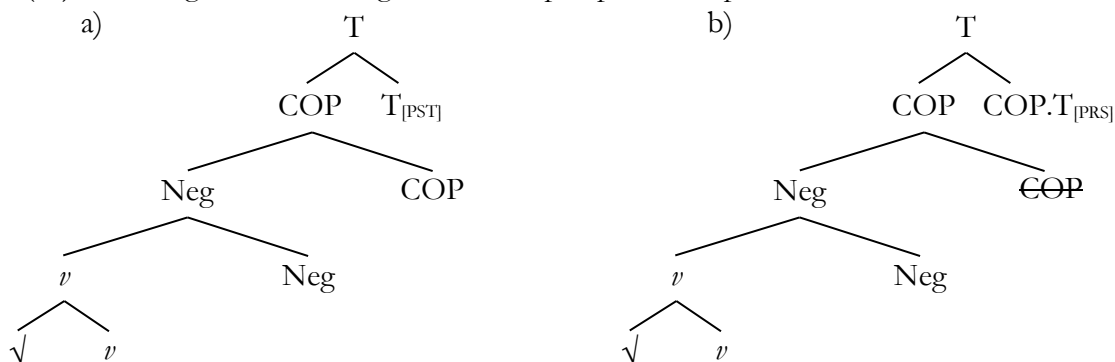
a. *-na-* ↔ Neg / √TABE, √OKI, √KIE ...

<sup>20</sup> Deixaremos em aberto a possibilidade de assumir um traço Pred(icadores) que englobaria os verbos e adjetivos do japonês. Uma proposta interessante com a qual poderemos trabalhar no futuro.

b. *-ana-* ↔ Neg / √KAK, √YOM, √TOB ...

No que concerne à expressão de tempo, os dados em (6) já nos mostraram que o verbo negado no passado exhibe a forma *-kat-* entre a marca de negação *-na-* ou *-ana-*, e a marca de passado *-ta*, formando o elemento complexo *-(a)nakatta* 'Neg.COP.PST'. Por sua vez, nos dados em (4), a forma *-kat-* não se realiza entre a marca de negação e a marca de tempo.

(25) Morfologia do verbo negado nos tempos passado e presente:



Assim, a representação em (25)a, em que o tempo já está definido como passado, além de receber no núcleo Neg um dos itens de vocabulário de (24), também receberá o item de vocabulário em (26), na posição de COP, e aquele em (27), para a posição de T<sub>[PSI]</sub>.

(26) Itens de Vocabulário para o nó terminal COP (fragmento)

a. *-kat-* ↔ COP / [Neg-COP-PST], [A-COP-PST]

(27) Itens de Vocabulário para o nó terminal T (fragmento)

a. *-ta* ↔ PST / [Neg-COP-PST], [A-COP-PST], [V-PST]

Por outro lado, na representação em (25)b, em que o tempo está definido no presente, os núcleos de COP e T<sub>[PRS]</sub> se realizarão conjuntamente (COP.PRS), por meio de um único item de vocabulário, sugerindo a ocorrência de uma operação de fusão entre esses dois nós no componente pós-sintático, uma operação prevista pelo modelo da MD.

Seguindo a proposta de Shibata (2015), no que diz respeito à adjacência entre os núcleos, e de acordo com o conjunto de itens de vocabulário em (28), o expoente *-i* é inserido no nó T nos contextos em que T seja marcado com os traços [COP.PRS] e seja adjacente à negação [Neg]<sup>21</sup>. Os itens de vocabulário *-ru* e *-u*, por sua vez, serão inseridos em contextos verbais não negativos, regulados pela fonologia da raiz do verbo: *-ru* para verbos com raízes terminadas em segmentos vocálicos e *-u*, para verbos com raízes terminadas em segmentos consonantais.

(28) Itens de Vocabulário para o nó terminal T

a. *-i* ↔ [Neg-COP.PRS], [A-COP.PRS]<sup>22</sup>

b. *-ru* ↔ [V-COP.PRS] √TABE, √OKI, √KIE ...

c. *-u* ↔ [V-COP.PRS] √KAK, √YOM, √TOB ...

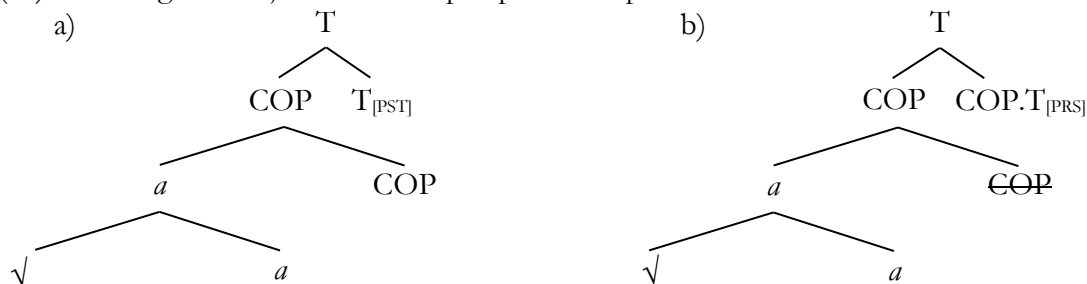
<sup>21</sup> *Adjacência Estrutural*: X e Y são estruturalmente adjacentes se e somente se não houver um Z fonologicamente realizado que é c-comandado por X e c-comanda Y (cf. Shibata, 2015)

<sup>22</sup> Outros contextos também são possíveis como, por exemplo, [Des-COP.PRS] que não abordamos nesse trabalho.

Com uma análise como essa, nos desfazemos da necessidade de assumir um traço [+A] para o PMC verbal negado já que ao assumir esse traço pode-se presumir uma especificação para o PMC negado que seria [+V, +A] e não é esse o caso já que definimos que Neg é um elemento funcional e que cada item da língua pode ter apenas um traço de categoria (ADGER; SVENONIUS, 2010).

As representações para as formas flexionadas dos adjetivos, exemplificadas, aqui, pelas formas de presente e passado, tais como (2)a,b, se constroem de modo paralelo às representações em (25) e seus nós terminais vão receber os itens de vocabulário em (26), (27) e (28)a, de acordo com as especificações relevantes:

(29) Morfologia do adjetivo nos tempos passado e presente:



Como salientamos anteriormente, a adjacência dos núcleos é crucial para que os itens de vocabulário em (26) e (27), e não outros, sejam inseridos nos contextos de passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os predicados do japonês são objetos de estudo que levantam questões interessantes para o campo da morfologia. O caráter aglutinante da língua, a profusão de homofonia e a constatação de fusões e elisões intensas no seu desenvolvimento fizeram emergir debates teóricos acalorados a respeito das partes do discurso do japonês, da morfologia flexional envolvida nos predicados, das posições de NegP na estrutura sintática, e até mesmo da natureza do movimento de núcleos. Nosso objetivo com este artigo era lançar luz sobre as questões que permeiam a morfologia de alguns predicados negados do japonês, chamando atenção para a variedade de propostas que existem e propor uma análise que usasse as propostas relevantes de maneira a avançar no entendimento do PMC negado do japonês. Nesse sentido, o trabalho inovador de Shibata (2015) foi crucial.

Inicialmente, partindo da estrutura morfológica proposta por Shibata, nós assumimos que os nós V-Neg-T formam um predicado morfológicamente complexo inseparável. A evidência para essa hipótese vem da observação de que, no japonês, a boa formação das sentenças está diretamente relacionada à impossibilidade de elementos intervenientes aparecerem entre esses nós. Em seguida, os trabalhos de Kobayashi e Fujita (2016) e de Kishimoto e Uehara (2016) trouxeram *insights* importantes para o entendimento do marcador de negação do japonês e seu suposto *status* adjetival. Nós fizemos uso dos trabalhos de Adger e Svenonius (2010) e Corbett (2012) para contestar essa atribuição de categoria adjetival ao marcador de negação do japonês e propusemos que Neg é uma projeção funcional constituída apenas pelo traço sintático-semântico Neg.

Relacionando todos esses trabalhos, nós estabelecemos uma estrutura morfológica única para os PMCs verbais com o marcador de negação (cf. (23)), prevendo corretamente sua formação e podendo estender nessa linha um tratamento paralelo para os PMCs verbais e adjetivais não negativos. A conclusão a que chegamos aqui a respeito do marcador de negação é de que é possível analisarmos a formação dos PMCs que o contêm sem termos de recorrer a alomorfes como *-nakat-* para Neg ou *-katta* para T<sub>[PST]</sub> no contexto da negação ou do adjetivo. Além disso, nossa análise desfaz a necessidade de postular caráter adjetival para o marcador de negação, deixando claras as similaridades estruturais entre os verbos e adjetivos do japonês e parece indicar, como

esperado, que estes são subcategorias de uma categoria PREDICADORES da língua japonesa. Finalmente, nossa análise é um passo no caminho para o entendimento da discrepância entre a forma morfológica do marcador de negação, que se alinha à flexão dos adjetivos, e os contextos em que os PMCs verbais do japonês podem ocupar na sintaxe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGER, David; SVENONIUS, Peter. Features in minimalist syntax. 2010. Disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/000825>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BLOCH, Bernard. Studies in colloquial Japanese I: Inflection. 1946. Journal of the American Oriental Society 66. 97–109. Reprinted in Roy A. Miller (ed.), 1969. Bernard Bloch on Japanese. New Haven: Yale University Press.

COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Martin; BICKEL, Balthasar. Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. 2015. Disponível em: <<https://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/Glossing-Rules.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CORBETT, Greville G. Features. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press, 2012.

DÉCHAINED, Rose-Marie. Predicates Across Categories. 1993. Ph. D. dissertation – University of Massachusetts, Amherst.

EMBICK, David. The morpheme: A theoretical introduction. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2015.

EMBICK, David ; NOYER, Rolf. Movement operations after syntax. In: Linguistic Inquiry, v. 32, 2001. p. 555-595. Disponível em: <<http://egg.auf.net/05/docs/articles/franks-2/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (ed.) The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289-324. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/228346943\\_Distributed\\_Morphology\\_and\\_the\\_Syntax-Morphology\\_Interface](https://www.researchgate.net/publication/228346943_Distributed_Morphology_and_the_Syntax-Morphology_Interface)>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FÁBREGAS, Antonio. Theme vowels are verbs. In: Rivista di Grammatica Generativa, v. 39, 2017. Disponível em: <<https://lingbuzz.com/j/rgg/2017/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FRELLESVIG, Bjarke. A history of the Japanese language. Cambridge University Press, 2010.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.) The view from Building 20. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111-176. Disponível em: <[http://web.mit.edu/morrishalle/pubworks/papers/1993\\_Halle\\_Marantz\\_Hale\\_Keyser\\_Distributed\\_Morphology\\_Pieces\\_of\\_Inflection.pdf](http://web.mit.edu/morrishalle/pubworks/papers/1993_Halle_Marantz_Hale_Keyser_Distributed_Morphology_Pieces_of_Inflection.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Some Key Features on Distributed Morphology. In: CARNIE, A.; HARLEY, H.; BURES, T. (eds.) Papers on Phonology and Morphology, v. 21. Cambridge, MA: MIT Papers in



Linguistics MITWPL, 1994. p. 275-288. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/Halle-Marantz1994.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki. Introduction. In: KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki (ed.). Handbook of Japanese lexicon and word formation. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2016. p. 1-8.

KATAOKA, Kiyoko. Nihongo Hiteibun no Kōzō: Kakimazebun to Hitei Koō Hyōgen. Tōkyo: Kuroshio Shuppan, 2006.

KAWAGOE, Itsue. The phonology of sokuon, or geminate obstruents. In: KUBOZONO, H. (Ed.) Handbook of Japanese Phonetics and Phonology. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2015. p. 103-149.

KISHIMOTO, Hideki. Negative scope and head raising in Japanese. In: *Lingua*, 117, 2007. p. 247-288. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lingua.2006.01.003>>. Acesso em: 20 jun. 2020

\_\_\_\_\_. On the variability of negative scope in Japanese. In: *Journal of Linguistics* 44, 2008. p. 379-435. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S0022226708005161>> Acesso em: 20 jun. 2020

\_\_\_\_\_. Verbal complex formation and negation in Japanese. In: *Lingua*, 135, 2013. p. 132-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lingua.2012.11.007>> Acesso em: 20 jun. 2020

KISHIMOTO, Hideki; UEHARA, Satoshi. Lexical Categories In: KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki (ed.). Handbook of Japanese lexicon and word formation. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2016. p. 51-91.

KOBAYASHI, Ryoichiro; FUJITA, Gen. Neg-raising is an Illusion: Japanese Verbal Complex Formation in Distributed Morphology. In: 8th Meeting of Formal Approaches to Japanese Linguistics (FAJL8), Mie, Japan. *Online Posters...* Mie: University of Mie, 2016. Disponível em: <<http://faculty.human.mie-u.ac.jp/fajl8/program.html>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

KUNO, Susumu. Shin nihon bunpoo kenkyuu 'New Japanese grammar study'. Tokyo: Taishakukan, 1983.

KURODA, Shige-Yuki. Some recent issues in linguistic theory and Japanese syntax. Department of Linguistics, University of Arizona. Coyote Papers, v. 2, 1981. p. 103-122

MIYAGAWA, Shigeru. Complex Verbs and the Lexicon. 1980. Ph. D. dissertation – University of Arizona. Disponível em: <<https://repository.arizona.edu/handle/10150/215609>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NARAHARA, Tomiko. The Japanese Copula: Forms and Functions. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

NISHIOKA, Nobuaki. Expressions that contain negation. In: SHIBATANI, Masayoshi; MIYAGAWA, Shigeru; NODA, Hisashi (Eds.) Handbook of Japanese Syntax. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2017. p. 635-662.

NISHIYAMA, Kunio. Adjectives and the copulas in Japanese. *Journal of East Asian Linguistics*, v. 8, n. 3, 1999. p. 183-222. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/A:1008395915524>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

RAPOPORT, Tova Rebecca. Copular, Nominal, and Small Clauses: A Study of Israeli Hebrew. 1987. Ph. D. dissertation – MIT.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN L. (eds) *Elements of grammar*. Kluwer International Handbooks of Linguistics. Springer, Dordrecht, 1997. p. 281-337. Disponível em: <[https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8\\_7](https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8_7)>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SHIBATA, Yoshiyuki. *Exploring Syntax from the Interfaces*. 2015. Ph. D. dissertation – University of Connecticut. Disponível em: <<https://opencommons.uconn.edu/dissertations/910/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SHIBATANI, Masayoshi; KAGEYAMA, Taro. Introduction In: SHIBATANI, Masayoshi; MIYAGAWA, Shigeru; NODA, Hisashi (Eds.) *Handbook of Japanese Syntax*. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2017. p. vii-xxix.

TAKEZAWA, Koichi. Inflection In: KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki (ed.). *Handbook of Japanese lexicon and word formation*. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2016. p. 459-488.

URUSHIBARA Saeko. *Syntactic Categories and Extended Projections in Japanese*. 1993. Ph. D. dissertation – Brandeis University.